

Retomando o argumento em foco, a compreensão de mediação relacionada ao ato evangelizador abre a perspectiva de uma chave de leitura e de interpretação do fenômeno da evangelização. Desde esta perspectiva, a evangelização é analisada como fenômeno que, para ser efetivamente histórico, assimila ou se deixa assimilar pelo complexo de mediações que estratifica um determinado mundo sócio-cultural.

Para a análise histórica de um processo evangelizador deve-se estar muito atento aos mecanismos utilizados

Desse modo, para a análise histórica de um processo evangelizador deve-se estar muito atento aos mecanismos, aos recursos, às estratégias utilizadas para a sua implantação. Levando em consideração o critério da "mediação" como instrumental interpretativo do processo evangelizador que ocorreu na América Latina, é visível que ele foi desenvolvido sob o impacto da conquista colonialista. A Igreja, neste período, consolidou um modelo evangelizador que de certa forma compartilhava de um sistema ideológico de dominação e de subjugação. As estratégias usadas para a conversão à fé cristã estavam ajustadas a um mundo sistematicamente estruturado para impor-se como totalidade única. O instrumento mediador que facilitava este ajustamento era a cruz associada à espada, o altar acasalado ao trono.

A história deixa entrever muitas conseqüências negativas neste processo de atrelamento, a tal ponto que são condenadas pela consciência eclesial atual. Foram produzidas certas situações de violência, de usurpação, de espoliação que ultrajavam a dignidade humana e estavam em contraste com o espírito do Evangelho. Era um mundo constituído por mediações absolutizadas pela pretensão de imperar a ferro e fogo, legitimado também pela cumplicidade e pelo apoio de um modelo evangelizador que ofuscava a autêntica prática de Jesus Cristo.

O apelo para uma nova evangelização não pode estribar-se unicamente num discurso tautológico

Diante disso, o apelo para uma *nova evangelização*, qualificada de libertadora e conscientizadora, não pode estribar-se unicamente num discurso tautológico, exaurido pela repetição do esquema: oprimido versus opressor. O grande repto a ser enfrentado é a superação da tentativa, sempre emergente na Igreja, de padronizar a interpelação evangélica sob o estereótipo de um "modelo" evangelizador totalizante, que tende a absorver a realidade, simplificando de maneira reductiva a sua complexidade. A compreensão paradigmática da realidade reverte-se na estruturação de um modelo evangelizador radicado em preconceitos que levam a pre-juízos de contra-testemunho.

O desafio, então, concentra-se na superação de uma mentalidade padronizante da evangelização por uma consciência arraigada num "modo" de evangelizar criativo. As duas se contrapõem pela diferença substancial que as distingue. Uma mentalidade evangelizadora que se sistematiza a partir de um modelo estandarizado, ipso facto, está inclinada a estagnar-se no tempo, tornando-se adversa às inovações. Em contrapartida, a atitude de assumir um modo de evangelizar que esteja identificado com o de Jesus Cristo é algo mais exigente. Requer, antes de tudo, a eleição das mediações que são criadas e renovadas em conformidade com as necessidades das transformações históricas. Nessa busca inconstante de renovação, a Boa Nova será sempre convite à vida nova, uma vez que é fator de salvação e de libertação, através do qual a fé e a realidade estão intrinsecamente vinculadas.

Endereço do autor:

*Casa Paroquial S. Frco. Xavier
Rua Virgílio Várzea s/n — Saco Grande II
88032-000 — FLORIANÓPOLIS — SC*

AS CEBs E OS 500 ANOS DE EVANGELIZAÇÃO DA A.L.

Luís Antonio Caon
estudante do 4º ano, de Florianópolis

Introdução

O Concílio Vaticano II (1962-1965) abriu uma porta ao mundo moderno e essa porta é que permitiu à Igreja da América Latina, através de Medellín e Puebla, avançar na caminhada da Igreja dos pobres. Da mesma forma, a situação social e eclesial da A.L. permitiu e ofereceu um contexto próprio, concreto, histórico, para o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs):

"Do coração dos vários países que formam a A.L. está subindo ao céu um clamor cada vez mais intenso. É o grito de um povo que sofre e que reclama justiça, liberdade e respeito aos direitos fundamentais dos homens e dos povos. Há pouco mais de dez anos, a Conferência de Medellín já apontava a constatação deste fato, ao afirmar: 'Um clamor surdo brota de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de nenhuma parte' (*Pobreza da Igreja*, 2). O clamor pode ter parecido surdo naquela ocasião. Agora é claro, crescente, impetuoso

alguns casos, ameaçador." (1)

A partir do clamor dos pobres e de sua organização, buscando libertação, na A.L. realiza-se um esforço imenso para construir um novo modo de ser Igreja a serviço do Reino de Deus, que dá vida para todos, homens e mulheres de todo o continente.

1. As CEBs nos 500 anos

No entanto, mesmo com uma pastoral que liga fé e vida, palavra de Deus e luta popular, celebração litúrgica e celebração da vida diária, as CEBs, neste ano de 1992 — nos 500 anos da primeira Evangelização — estão diante de um grande desafio: é urgente e necessário rever todo o processo de Evangelização e perceber, nestes 500 anos, sinais de resistência de uma Igreja que nasceu dos pobres, pela ação do Espírito Santo, e que luta pela justiça. Continuar hoje nesta caminhada, vai depender não de uma *Evangelização colonizadora*, mas de uma *Evangelização libertadora*.

Esta data representa, para as CEBs, não apenas uma volta ao passado da A.L., mas uma atualização das grandes questões sobre o seu presente e um compromisso com as perspectivas para o futuro da Evangelização.

Esta Evangelização, no futuro, dependerá também da forma como interpretamos o passado e como encaramos o momento histórico que vivemos. Neste sentido, vemos povos indígenas do continente, movimentos negros e organizações populares, tomando mais e mais posição de recusa, em relação às grandes celebrações triunfalistas. Enquanto isso, vemos os países europeus, mais especificamente Espanha, Portugal e Itália (Gênova), preparando grandes comemorações em aliança com muitos governos latino-americanos.

Abriu-se a discussão sobre a "primeira Evangelização" e sobre o tema da "nova Evangelização"

Percebemos também, dentro das Igrejas, que se abriu a discussão sobre a "primeira Evangelização" e o papel por ela desempenhado no processo colonial; e um amplo debate sobre o tema da "nova Evangelização".

Por isso, é importante reafirmar que, para as CEBs, importa a compreensão do passado latino-americano, à luz das tarefas do presente e dos compromissos para o futuro. E esta compreensão dos 500 anos de Evangelização vai na perspectiva dos povos indígenas e africanos, submetidos a uma imposição militar, política, econômica, social, ideológica e, com raras exceções, religiosa, através da ocupação e colonização de seus territórios, escravização da população e submissão a trabalhos forçados. O sentimento que perpassa é, pois, de verdadeira "Invasão".

Houve uma desorganização no mundo indígena depois da derrota militar e do início da pregação dos missionários, como podemos ver na fala de sábios astecas, respondendo aos primeiros missionários franciscanos no México:

"Vós dissestes que nós não conhecemos o Senhor que está perto e conosco, Aquele de quem são os céus e a terra. Dissestes que não eram verdadeiros nossos deuses. . .

Nova palavra é esta, que falais, por causa dela estamos perturbados, por causa dela estamos incomodados". (2)

E concluem de modo dramático, dizendo:

"... deixai-nos, pois, morrer, deixai-nos perecer, pois nossos deuses já estão mortos". (3)

Na cultura maia, a flor é síntese da beleza e da perfeição, da verdade e da harmonia. No poema maia de Chikam Balam de Chumayel, a chegada dos estrangeiros, os "dzules", é descrita como uma avalanche de desgraças, de destruições e enfermidades, comparando o destino do povo e do seu modo de vida ao destino das flores, no confronto entre as duas culturas:

"Eles ensinaram o medo, vieram destroçar as flores. . .

Para que sua flor sobrevivesse, danificaram e absorveram a nossa flor. . ." (4)

Do mesmo modo, para a África e seu povo, os 500 anos representam sua entrada forçada na economia mundial, como reserva de mão-de-obra, onde milhões de escravos foram violentamente transportados para as plantações e minas das Américas. A África viveu esses 500 anos como um imenso desastre e destruição de tribos e povos inteiros, com a trágica experiência da jornada sem esperança da escravidão nas ilhas do Caribe, na América do Norte, na América Central e na América do Sul.

2. Evangelização ontem e hoje

Depois de ouvir as vozes das vítimas, podemos perguntar-nos: onde estava escondida a Boa-nova? e onde e quando foi anunciada, em todos esses processos de conquista e de colonização?

As sementes de uma nova Evangelização devem ser buscadas nos processos de resistência à conquista e à dominação

Como a conquista foi baseada na violência, guerra e desrespeito aos povos e às pessoas, trazendo a escravidão, as CEBs têm claro e presente que as sementes de uma *nova Evangelização* devem ser buscadas não na colonização mas, em primeiro lugar, nos processos de resistência à conquista e à dominação. Devem ser buscadas na defesa da vida e dos meios de vida, defesa da terra principalmente. Devem ser buscadas na denúncia dos abusos cometidos contra as populações nativas, na elaboração de um direito dos pobres e no resgate da inalienável dignidade da pessoa humana. Uma vez consumada a conquista, a Boa Notícia se fez presente na busca, tantas vezes renovada, para se criar espaços de sobrevivência e liberdade, como também, nas sempre renascentes lutas de libertação e nos caminhos sofridos da inculturação da fé.

Nestes 500 anos, portanto, para as CEBs, pode-se perceber um potencial evangelizador que deve tornar-se cada vez mais a prática cotidiana de nossas Igrejas, pois já vemos sinais de uma "nova Evangelização", onde o rosto amoroso de Deus brilhou sobre a resistência dos empobrecidos, índios e negros, iluminando e aquecendo suas vidas.

Desde o sonho messiânico da "Terra sem males" dos Guaranis, que os punha em movimento, em busca da terra da liberdade, criticando assim o sistema econômico, político e cultural escravagista, não deixando perecer a vida e a esperança, vemos que permanece vivo o apelo para que não nos conformemos com as injustiças e a maldade do mundo presente.

A luta em favor da justiça, vida e sobrevivência dos indígenas, encetada por frei Antonio de Montesinos em 1511, atravessa a história da América, até Dom Oscar Romero e outros profetas e mártires dos nossos dias, plantando sementes de Evangelização. Data igualmente dos primórdios da nossa história a denúncia contra o "deus-ouro", no qual Bartolomé De Las Casas identificava o pecado da idolatria: "Menos se estima e se reverencia e adora a Deus que ao dinheiro" (5). Las Casas não hesitava em vincular diretamente a exploração do indígena com a própria idolatria: "O ouro é o verdadeiro deus de quem maltrata o índio" (6). Na América Latina, a oposição não tem sido tanto entre fé e ateísmo e sim o embate entre o Deus da vida e os ídolos da morte que exigem vítimas e sacrifícios e se nutrem do sangue dos pobres."

Por fim, desde a inculturação da fé, permanece o desafio para que o Evangelho se torne fermento, força e fonte de dignidade para todas as culturas, em especial para as secularmente oprimidas por culturas ditas cristãs.

3. "Por um ano de Graça do Senhor" (1492-1992)

Os 500 anos de Evangelização da A. L. colocam sérios desafios para o futuro das CEBs em nossas Igrejas. Especificamente para este ano de 1992, três acontecimentos, a meu ver, marcarão esta caminhada na A. L. e no Brasil, no que diz respeito à visão e prática pastoral das CEBs com relação aos 500 anos:

a) IV Encontro Latino-americano das CEBs

Santa Maria, RS, terá a alegria de sediar o IV Encontro Latino-americano das CEBs. Será realizado nos dias 5 a 7 de setembro p.f. e terá como tema: "As CEBs diante do marco histórico e desafios dos 500 anos". Este Encontro está sendo articulado pelas CEBs do Brasil, México e Equador, sendo que o convite foi estendido a todos os países da A. L.

O objetivo do Encontro é partilhar, recolher e celebrar a caminhada das CEBs latino-americanas (memória) frente à realidade eclesial e aos desafios das culturas e movimentos populares (missão). A presença da Igreja na A. L., diante da realidade socio-política, econômica, religiosa e cultural precisa ser avaliada, para se ler, nos sinais dos tempos, qual o papel evangelizador próprio das Comunidades.

O abaixo-assinado expressa alguns sentimentos e compromissos das CEBs

b) O abaixo-assinado popular e a Conferência de Santo Domingo

Lançado no dia 12 de dezembro de 1991, dia da festa de N. Sra. de Guadalupe, o abaixo-assinado será recolhido em Santa Maria, no dia 12 de setembro p.f., antes do encerramento do VIII Encontro Intereclesial das CEBs do Brasil, devendo posteriormente ser entregue aos delegados da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, às vésperas de sua abertura solene a 12 de outubro próximo, em Santo Domingo.

O abaixo-assinado expressa alguns sentimentos e compromissos das CEBs:

1. Frente aos irmãos indígenas e afro-americanos, queremos pedir perdão, não só pelas ocasiões em que, no passado, nossa Igreja se mostrou comprometida com colonizadores e escravizadores, mas também pelo que possa existir ainda hoje de racismo, discriminação, de falta de respeito para com os indígenas e negros. Queremos nos comprometer a dialogar com suas culturas e religiões e buscar os caminhos da inculturação para nossas Comunidades e Igrejas.

2. Frente ao atual desenvolvimento capitalista, que faz do Mercado seu fim, método e lei, e frente à crise econômica, social, política e cultural, que se traduz em recrudescimento da mortalidade infantil, desnutrição, desemprego, falta de terra para os que querem cultivar, de atendimento à saúde, educação, moradia, comida e oportunidades de trabalho, em especial para os jovens, queremos denunciar as políticas de ajuste econômico neoliberal que aumentaram o empobrecimento e o desespero das maiorias e, mais ainda, o peso insuportável do pagamento de uma Dívida Externa cada vez mais injusta e imoral.

Clamamos por uma nova Ordem Econômica Internacional que não esteja apenas a serviço do interesse dos países mais ricos e dominadores. Comprometemo-nos a juntar nossas forças a todos os movimentos sociais, sindicatos, organizações, organismos políticos e maiorias excluídas, fortalecendo a sociedade civil, na busca de uma saída para a crise. Comprometemo-nos a lutar pela demarcação dos territórios indígenas, pela reforma agrária e agrícola, por terra para quem nela trabalha, por trabalho para todos, por relações sociais baseadas no respeito e na justiça.

3. Queremos assumir as tarefas de uma Evangelização "nova no seu ardor" mas fiel a tantos testemunhos do passado; fiel ao sopro do Espírito e às inspirações saídas da leitura e meditação da Palavra de Deus, do Concílio Vaticano II, de Medellín e Puebla, do movimento ecumênico e dos movimentos de Libertação já presentes em nossas Igrejas, comunidades e na sociedade. Evangelização que, à luz de uma fé esclarecida e vivida na oração e no serviço fraterno e assumida pelas etnias, classes e culturas oprimidas do continente, enfrente os desafios da modernidade, reafirmando a opção preferencial pelos pobres e por uma Igreja de Comunidades que respeite o pluralismo legítimo e faça resplandecer, na comunhão eclesial, os rostos até agora esquecidos de Deus: o rosto feminino e indígena, negro e mestiço.

4. Assumimos o compromisso de uma Jornada de jejum penitencial, no dia 11 de outubro e de celebrar, à noite, uma Vigília de reconciliação e esperança, dando graças ao Deus da vida pelos 500 anos de resistência indígena, negra e popular, e pelos mártires dos povos de nosso continente.

c) O VIII Encontro Intereclesial das CEBs (em Santa Maria, RS, de 8 a 12 de setembro p.f.). Será realizado na perspectiva da preparação para a Assembléia Episcopal em Santo Domingo, partindo das bases da Igreja. Assumiu como tema a questão das "culturas oprimidas" e da Evangelização nestes 500 anos, tendo como lema: "Povo de Deus renascendo das culturas oprimidas".

A questão das culturas abordará expressões como indígenas, negros e mulher, e sua relação com a Evangelização. Também outras culturas ligadas ao mundo do trabalho: lavradores, operários, campesinato. E ainda, os novos desafios diante da ecologia, tecnologia, afetividade, a nova utopia e a nova sensibilidade religiosa (7).

Conclusão

As CEBs sentem, neste tempo de penitência e celebração da resistência indígena, negra e popular, a necessidade de, impul-

sionadas pelo Espírito Santo, confrontar-se com a Palavra de Deus e com os desafios que vêm da realidade:

- trabalhar mais com as massas e não se fechar em pequenas elites;
- acolher melhor a religiosidade popular e respeitar o uni-

Para que a Igreja se faça mais e mais evangélica e mais e mais servidora

verso simbólico do povo, evitando o perigo de um excesso de racionalismo, principalmente dos agentes de pastoral mais intelectualizados;

- abrir-se ao pluralismo, evitando atitudes sectárias⁽⁸⁾.

No conjunto, espera-se que, diante dos 500 anos da Evangelização da A.L., esta experiência das CEBs se consolide e, sem ficar parada nas formas do passado ou do presente, continue acompanhando as mudanças da sociedade e mantenha uma relação dinâmica entre fé e vida, para que a Igreja se faça mais e mais evangélica e mais e mais servidora de todos os homens e mulheres sem distinção. Pois, no respeito às culturas e na escuta do clamor do povo, a Igreja deve ser solidária e lutar pela Libertação, tornando-se assim servidora fiel do Deus da vida.

NOTAS

- (1) III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, Conclusões de Puebla, Ed. Loyola, SP, 1979, nn. 87 a 89.
- (2) Leon-Portilla, M. A *Conquista da América Latina vista pelos índios*. Relatos astecas, maias e incas. Ed. Vozes, Petrópolis, 1984, p. 21.
- (3) Id., *ibid.*, p. 20.
- (4) CELAM, IV Conferência. . . *Memória Indígena*, Bogotá, 1991, pp. 36-37.
- (5) Cit. por GUTIERREZ, G., *O Deus da Vida*. Ed. Loyola, SP, 1990, p.89.
- (6) Id., *ibid.*
- (7) BOFF, Clodovis. *CEBs e a questão da cultura*, in REB, 1991, fasc. 201, março, Ed. Vozes, Petrópolis, p. 167-175.
- (8) TEIXEIRA, Faustino L. C. *CEBs, recriação evangelizadora*, in "Tempo e Presença", RJ, n° 234, setembro de 1988, p. 30-32.

Bibliografia para aprofundar:

1. BOFF, Leonardo e ELIZONDO, Virgílio (org.). "1492-1992 — A voz das vítimas", in Concilium 232, 1990/6, dez. 1990.
2. BOFF, Leonardo. "Nova Evangelização — Perspectiva dos oprimidos". Ed. Vozes, 1990.
3. SOTER, J. B. Libânio et alii. "América Latina: 500 anos de Evangelização". Ed. Paulinas, SP, 1990.
4. SUESS, Paulo, "Culturas e Evangelização". Ed. Loyola, SP, 1991.

Endereço do autor:
Seminário Teológico de Fpolis
Caixa Postal 5.041
88041-970 — FLORIANÓPOLIS — SC

A NOVA EVANGELIZAÇÃO — RELEITURAS POSSÍVEIS

Pe. Orlando Brandes
Professor de Teologia Moral

Introdução

Desde o Vaticano II, Medellín, Puebla, a Igreja voltou-se mais intensamente para sua missão evangelizadora. Mas, dois acontecimentos históricos motivaram a urgência de uma "Nova Evangelização" (N.E.): os quinhentos anos de evangelização da América Latina (1492-1992) e a proximidade do Terceiro Milênio. Além disso, aumenta a secularização, as seitas e a cultura da morte. Tais fenômenos afastaram os batizados da Igreja e do seguimento de Cristo, tanto que estamos num mundo pós-cristão, isto é, um mundo bastante caracterizado pelo paganismo e novo "pelagianismo", que significa viver "como se Deus não existisse", o homem bastando-se a si mesmo.

Diante destes e outros fatos, João Paulo II anuncia um plano pastoral e missionário: a "nova evangelização". Seu apelo foi acolhido pela Igreja Universal, e cada país ou região adapta a proposta segundo suas circunstâncias, necessidades e apelos.

Nosso trabalho tem por objetivo conhecer melhor em que consiste a proposta da N.E., mas principalmente entender as suas "releituras e interpretações", visto que a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo tem como lema: *A Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã. Cristo Ontem, Hoje e Sempre*".

A literatura é vasta. Além dos documentos do magistério, a revista *Seminarium* dedicou um número monográfico sobre o tema (*Seminarium*, janeiro-março, 1991). A C. R. B. publicou:

"Nova Evangelização e Vida Religiosa no Brasil" (Publicações C. R. B., Rio, 1989). ITER, Instituto de Teologia para Religiosos de Caracas, dedica seu primeiro número integralmente à nova evangelização. No decorrer do trabalho entraremos em contato com outros autores. Mais que uma "bandeira", a N.E. quer ser uma práxis missionária. E o leit-motiv, ou melhor, o clamor de todas as consciências é este: "AI DE MIM SE EU NÃO EVANGELIZAR" (I Cor 1,16).

Por questão de brevidade não incluímos em nossa pesquisa os Documentos do CELAM em preparação a Santo Domingo, sobre o nosso assunto, os quais se intitulam: "Elementos de Reflexão" (Loyola, São Paulo, 1991) e o "Documento de Consulta" (Paulinas, 1991). Nessa documentação as reflexões são tão vastas, que merecem uma ulterior pesquisa.

I. Dados Históricos

O projeto da Nova Evangelização (N.E.) é criação e iniciativa do Papa João Paulo II. O anúncio foi feito em 1983 na cidade de Porto Príncipe (Haiti), falando ao Celam. Neste lançamento do projeto o Papa diz que não se trata de uma reevangelização, mas de uma "nova evangelização" em três dimensões: "nova no ardor, nova no método, nova nas expressões".

No ano seguinte (1984), na cidade de Santo Domingo (República Dominicana) João Paulo II volta ao assunto convidando a Igreja a uma "novena" de preparação para a celebração dos 500 anos de evangelização na América Latina (1492-1992). Seriam